

Economia solidária no âmbito da agricultura na região norte

Solidary economy in the scope of agriculture in the Northern Region

Economía solidaria em el ámbito de la agricultura em la Región Norte

Deivisson Gonçalves de Souza – Centro Universitário Aparício Carvalho | Porto Velho | RO | Brasil. E-mail: deivissonsouza2012.ds@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4060-5800>

Patrícia Monteiro Waterkemper – Centro Universitário Aparício Carvalho | Porto Velho | RO | Brasil. E-mail: waterkemper97@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1860-5561>

Denilson Nunes Moreira – Universidade Federal de Rondônia – Rede Bionorte | Porto Velho | RO | Brasil. E-mail: prof.denilsonpvh@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5997-9263>

Marcela Alvares Oliveira – Universidade Federal de Rondônia – Rede Bionorte | Porto Velho | RO | Brasil. E-mail: marcela.mugrabe@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4129-993X>

Resumo: Este estudo foi desenvolvido a partir do interesse na compreensão sobre o tema economia solidária no processo produtivo da agricultura na Região Norte do Brasil. O objetivo foi conhecer a produção científica sobre as iniciativas solidárias, quando aplicadas a agricultura na produção e nos prováveis resultados aos principais atores envolvidos. Utilizou-se a metodologia qualitativa por meio de uma revisão de literatura nas obras publicadas pelos principais teóricos que abordam o tema central. Os resultados evidenciaram que a Região Norte possui diversas iniciativas e empreendimentos que são desenvolvidos como alternativa aos moradores dessa região, mais propriamente o pequeno produtor em detrimento ao grande produtor que ao possuir capitais disponíveis para a produção obtém vantagens superiores aos demais. Assim conclui que o papel da economia solidária junto ao setor agrícola ser for estabelecido de forma isolada não conseguirá alcançar seus objetivos, sendo necessário a articulação com os demais atores envolvidos no processo.

Palavras-chave: agricultor familiar; Amazônia; cooperação.



<https://doi.org/10.22484/2177-5788.2022v48id4883>



Abstract: This study was developed from the interest in understanding the theme of solidarity economy in the productive process of agriculture in the Northern Region of Brazil. The objective was to get to know the scientific production on solidarity initiatives, when applied to agriculture in production and the likely results for the main actors involved. A qualitative methodology was used through a literature review of the works published by the main theorists who address the central theme. The results showed that the North Region has several initiatives and undertakings that are developed as an alternative to the residents of that region, more specifically the small producer to the detriment of the large producer who, by having capital available for production, obtains advantages that are superior to the others. Thus, it concludes that the role of the solidarity economy with the agricultural sector, if it is established in an isolated way, it will not be able to reach its objectives, being necessary the articulation with the other actors involved in the process.

Keywords: family farmer; Amazon; cooperation.

Resumen: Este estudio se desarrolló a partir del interés por comprender el tema de la economía solidaria en el proceso productivo de la agricultura en la Región Norte de Brasil. El objetivo fue conocer la producción científica sobre iniciativas solidarias, aplicadas a la agricultura en la producción y los probables resultados para los principales actores involucrados. Se utilizó una metodología cualitativa a través de una revisión bibliográfica de los trabajos publicados por los principales teóricos que abordan el tema central. Los resultados arrojaron que la Región Norte cuenta con diversas iniciativas y emprendimientos que se desarrollan como alternativa a los habitantes de esa región, más específicamente al pequeño productor en detrimento del gran productor que, al tener capital disponible para la producción, obtiene ventajas que son superior a los demás. Así, concluye que el rol de la economía solidaria con el sector agropecuario, si se establece de manera aislada, no podrá alcanzar sus objetivos, siendo necesaria la articulación con los demás actores involucrados en el proceso.

Palavras claves: agricultor familiar; Amazonas; cooperación.

Recebido em: 31 de dezembro de 2021.

Aprovado em: 15 de abril de 2022.

1 Introdução

A economia solidária é um modo de produção cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. O autor ressalta que este processo surgiu no Brasil em resposta à crise econômica nos anos de 1981 a 1983. Neste período esta, foi uma das formas alternativas em que alguns meios de produção encontraram para continuarem com suas atividades frente a um processo capitalista de competição e desigualdade social. Assim a solidariedade na economia só pode ser realizada se ela for organizada igualmente por todos que se associam para produzir, comercializar, consumir ou poupar (SINGER, 2002a; BARBOSA, 2011).

A percepção de mudanças nos sistemas produtivos em todo mundo, vem sendo transformadas a partir do entendimento de que sociedades ao acumular capitais, geram o bem-estar para poucos em detrimento da pobreza da grande maioria, sendo um dos pilares do capitalismo. Neste sentido esforços têm sido conduzidos para a reversão destes cenários, quando de iniciativas no campo econômico como os sistemas cooperativos nas áreas financeiras de fomento de crédito, comércios justos, bibliotecas e hortas comunitárias, tecnologia nos softwares de acesso aberto e de iniciativas de governos em políticas públicas que contemplem a comunidades e grupos menos favorecidos (MILLER, 2010).

A economia solidária tem por princípio básico se contrapor à exploração da força de trabalho ao propor processos de produção cooperada, livremente associada e sob o controle dos próprios trabalhadores, além da propriedade coletiva dos meios de produção e a divisão equitativo dos resultados da produção. A questão solidária se estabelece à medida em que comunidades ou grupos organizados deixam de serem submissos e se tornam conscientes de seu potencial, mas para que estes processos se viabilizem, torna-se

necessário o engajamento de todos os membros em desempenharem e terem criatividade associada a esforço contínuo para alcançarem um objetivo em comum (SINGER; SILVA; SCHIOCHET, 2014).

No entanto quando a economia solidária é associada ao setor agrícola o que se percebe é que a maioria dos agricultores não compreendem bem esta questão, por não estarem inseridos no mercado de forma ampla, fazendo com que produção, seja suficiente para sua sobrevivência e comercialização de pequena quantidade. Esses pequenos produtores enfrentam dificuldades tais como falta de mão-de-obra especializada, infraestrutura, capital para investimentos e compra de insumos agrícolas necessários para expandir sua produção, acesso à logística de vias campo-cidade-comércio e até mesmo falta de terra suficiente para produção em grande escala (MELLO; DIAS, 2007).

Esses e outros fatores podem fazer com que esses indivíduos se tornem vulneráveis perante àquelas com condições bastante superiores, ou seja, frente aos produtores capitalizados, os quais são referência no mercado do agronegócio nacional, outro dado importante que contribui para a adoção da economia solidária é a importância da Amazônia nos contextos da sustentabilidade e biodiversidade (ABREU; WATANABE, 2016).

Este estudo buscou estabelecer uma discussão a luz de um novo olhar de como a economia solidária pode favorecer a redução de problemas sociais das populações do campo quando da adesão de modelos cooperativos e associativos na produção e comercialização de produtos agropecuários em um recorte especial na região Norte do Brasil no âmbito de conceitos teóricos e de autores que por meio de suas obras publicadas, tem contribuindo na partilha dos saberes e conhecimentos que possam favorecer contextos sustentáveis, econômicos e sociais no campo.

2 Metodologia

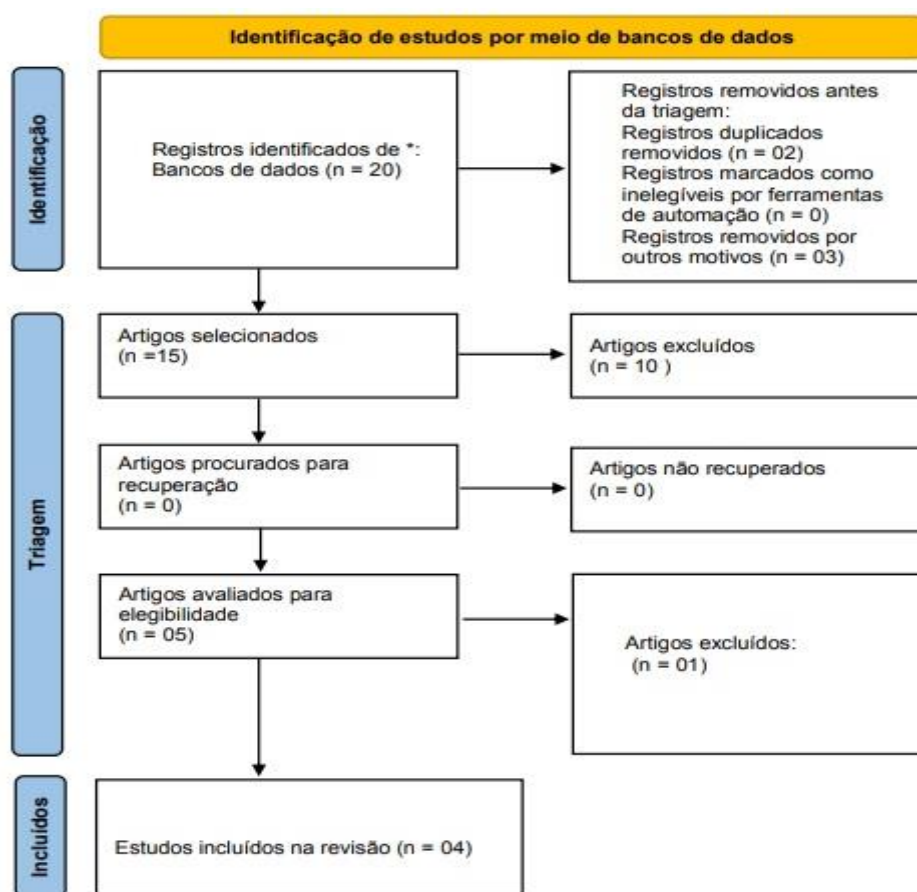
A pesquisa se classifica qualitativa a partir de uma revisão de literatura que para Creswell (2010) este método permitirá ao pesquisador a compreensão dos problemas levantados, quando da utilização de informações relevantes já pesquisadas e publicadas sobre o tema central.

Para esse estudo foi realizada uma revisão teórica de artigos nacionais publicados no período de 2000 a 2020. Realizou-se uma busca sistemática na literatura científica, sendo os dados levantados na base de dados do *Google Scholar* e *Scielo* em plataforma aberta na internet e foram utilizados as seguintes palavras-chave combinadas em português: economia solidária + agricultura + Acre, economia solidária + agricultura + Amapá, economia solidária + agricultura + Amazonas, economia solidária + agricultura + Pará, economia solidária + agricultura + Roraima, economia solidária + agricultura + Rondônia e economia solidária + agricultura + Tocantins.

Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos completos em português, artigos envolvendo execução de projetos voltados à economia solidária e artigos com projetos executados em qualquer cidade da região norte do Brasil. Foram considerados excluídos: *guidelines*, artigos de revisão e opinativos, *short communication*, editoriais e artigos publicados fora do período de busca.

As informações obtidas para esse estudo foram, provenientes de um processo de triagem constituído de quatro etapas, que incluem identificação, triagem, elegibilidade e critérios de inclusão segundo o diagrama de fluxo da recomendação, ver Figura 01 (GALVÃO; PANSANI; HARRAD, 2015).

Figura 1 - Diagrama de fluxo das etapas de informações dos estudos (PRISMA-P) para coleta de dados bibliográficos sobre Economia Solidária no âmbito da Agricultura na Região Norte.



Fonte: Elaboração dos autores (2021).

Com as palavras-chave foram encontrados quatro artigos que abordaram os contextos da agricultura e da economia solidária de forma direta. Os demais foram excluídos por não se enquadrarem com o objeto de estudo buscado.

3 Resultados e discussão

Os resultados evidenciaram que a região Norte está entre as regiões do Brasil com menor número de empreendimentos econômicos solidários, destacando-se as regiões Nordeste e Sudeste com maior concentração de empreendimentos (AZEVEDO; ALIÓ; SILVA, 2016).

Essa discrepância no número de empreendimentos reflete diretamente no número de estudos publicados de acordo com Godoy *et al.* (2016), neste contexto, percebe-se que mesmo enfrentando dificuldades, a economia solidária, na prática, cresce, e, os estudos científicos continuam limitados. Segue abaixo na Tabela 1 o levantamento dos artigos científicos analisados que versam sobre práticas e/ou projetos de economia solidária no âmbito da agricultura na Região Norte, bem como localidade e público-alvo.

Tabela 1 - Sumarização dos artigos publicados sobre economia solidária na região Norte do Brasil.

Nº	Projeto	Localidade	Público-alvo
01	As estratégias dos empreendimentos solidários da agricultura familiar do baixo Tocantins na comercialização do açaí orgânico	Microrregião do Baixo Tocantins, formada pelos municípios de Bagre, Barcarena e Mojú, aglomera ainda a microrregião de Cametá, composta pela cidade Cametá, Abaetetuba, Baião, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajurú, Mocajuba e Oeiras do Pará - PA	Agricultores familiares, associações e ribeirinhos
02	Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas	Ji-Paraná e Ouro Preto - RO	Associações, produtores de café e agricultores familiares
03	Agricultura Familiar e Economia	Igarapé Miri - PA	Ribeirinhos

Solidária: a experiência da Associação Mutirão, na região do Baixo Tocantins, Amazônia Paraense

04	Educação Popular e Movimentos Sociais: Um estudo sobre os saberes dos atores sociais no contexto das feiras de Economia Solidária no Baixo Tocantins - PA.	Cametá, Igarapé-Miri, Mocajuba e Baião - PA	Representantes de ONGs, agricultores e membros de associações e cooperativas
----	--	---	--

Fonte: Elaboração dos autores (2021).

Observa-se que nos estudos analisados o público-alvo das pesquisas desenvolvidas na Região Norte foram todos realizados com populações oriundas da zona rural, compreendendo os ribeirinhos e pequenos produtores de base familiar. Destaca-se fortemente a organização de cooperativas e associações, bem como, iniciativas de economia solidária no âmbito da agricultura centralizada nas cidades interioranas. Essa concentração é um reflexo direto da maior ocorrência desses projetos no ambiente rural.

Segundo o Sistema de Informações em Economia Solidária - SIES por meio de pesquisa realizada em 2018 a nível nacional:

“[...] a proporção por comunidade constitui-se da seguinte maneira: 3,19% são EES de caboclos, cuja maioria encontra-se no Norte do país; 1,30% são de comunidades de terreiro, cuja maior parte está no Nordeste; 19,89% são de comunidades quilombolas, cuja maioria está localizada no Nordeste também; 8,46% são de extrativistas, cuja maior parte está no Norte; 10,36% são de pescadores artesanais, cuja maioria está no Nordeste; 10,82% são de povos negros, cuja maioria encontra-se no Nordeste do país; 12,72% são de povos indígenas, cuja maioria está localizada no Norte do país; 12,35% são de ribeirinhos, cuja maior parte está no Norte também; por fim, 20,91% são de outros povos e comunidades tradicionais, que estão principalmente no Nordeste e no Sul.” (CARVALHO; PINHEIRO, 2019, p. 09)

Notou-se ainda nos artigos analisados que a população estudada em sua maioria era de baixa escolaridade, agricultura de base familiar, baixa renda e inexperiente no recorte de comercialização de produtos agrícolas.

Segundo Guimarães (2011), segmentos da população, por não possuírem acesso à educação, saúde e outros serviços básicos, se tornam incapazes de se beneficiar de estímulos trazidos pelo crescimento. Esses aspectos, especialmente a baixa escolaridade associada à inexperiência na comercialização podem favorecer um descontrole em relação ao controle dos custos da produção e da venda, sendo um reflexo direto da ausência do entendimento de conceitos básicos de gestão. Desse modo, é necessário que esses projetos ou empreendimentos criem esforços adicionais para a melhoria da escolaridade dos envolvidos com o objetivo de assegurar a continuidade a longo prazo das atividades.

Nota-se que na pesquisa desenvolvida na microrregião do Baixo Tocantins - Pará, no que diz respeito à dinâmica socioeconômica ficou notório que a partir da construção da Usina Hidroelétrica de Tucuruí (UHT), bem como outros grandes projetos instalados no estado do Pará, modificou-se a realidade local estimulando a circulação de bens e capitais, expandindo o mercado, no entanto a mão de obra disponível dos moradores da região, em sua grande maioria pequenos produtores, era vista como desqualificada, inexperiente e de baixa escolaridade. Os moradores dessas comunidades desenvolviam atividades seculares ligadas a pesca e agricultura, atividades essas que foram ignoradas pela nova dinâmica socioeconômica mencionada. Neste caso, coube a agricultura a condição econômica principal para a inclusão dos trabalhadores excluídos do mercado. Os participantes dos empreendimentos de economia solidária têm em comum a preocupação com o espaço em que vivem no que diz respeito à preservação da biodiversidade,

qualidade de vida, trabalho associado, geração de emprego e renda e o interesse em práticas de cultivos orgânicos (ABRAHIM *et al.*, 2008).

Conforme explica Singer (2002b), a monocultura típica da fazenda patronal é frequentemente desprezada a favor da diversificação dos cultivos e criações. O autor afirma ainda que a diversificação dessas produções viabiliza a agroecologia, onde os produtos gerados a partir desta além de serem mais saudáveis, preservam recursos naturais não renováveis (terra, água, ar), além de garantir, para a agricultura familiar, vantagens competitivas em relação à tecnologia capitalista.

Através das práticas agroecológicas objetiva-se a permanência das famílias no campo com o do manejo sustentável dos solos, a conservação dos recursos naturais, a valorização dos saberes locais e a independência dos pequenos agricultores que comercializam seus produtos sem a presença do atravessador. (SANTOS *et al.*, 2014, p. 01).

A agricultura sustentável contém os seguintes elementos: uma produção estável e eficiente dos recursos produtivos, a segurança e autossuficiência alimentar, o uso de práticas de manejo agroecológico, a preservação da agricultura familiar e da cultura local, da autogestão e participação dos agricultores, bem como a conservação e recuperação dos recursos naturais (SANTOS *et al.*, 2014).

A partir de uma visão de complexidade envolve também aspectos sociais, culturais e políticos. É muito mais do que um conjunto de técnicas e assume sua relevância para um grande processo de mudança social, de resistência camponesa contra a globalização e o modelo de desenvolvimento rural dominante (ALTIERI; NICHOLLS, 2000).

A economia solidária nasceu pouco depois do capitalismo industrial, como reação ao espantoso empobrecimento dos artesãos, provocado pela

difusão das máquinas e da organização fabril da produção, conhecida como revolução industrial (SINGER, 2002a; CARVALHO; PINHEIRO, 2019).

Em contraponto ao capitalismo que aponta a obtenção de lucro como objetivo principal, a economia solidária busca garantir o direito das pessoas a liberdade de escolha ao trabalho que lhe gere satisfação, autonomia nas atividades produtivas, participação das decisões que lhe afetam, melhorar a qualidade de vida e colaborar para construção de um mundo mais solidário, ético e sustentável.

Na situação descrita acima aconteceu que

“[...] a proposta da economia solidária aliou-se a esse movimento e articulou a estruturação de empreendimentos autogestivos, sob a forma de cooperativas de agricultores familiares, sobretudo para a produção de açaí e de outras frutas regionais. Dentre esses empreendimentos, destacam-se nesse trabalho a Cooperativa de Fruticultores de Abaetetuba (COFRUTA), Cooperativa Agrícola Resistência de Cametá (CART), Cooperativa dos Produtores Rurais da Agricultura Familiar de Barcarena (COOPBAB) e Associação Mutirão dos Trabalhadores Rurais de Igarapé Miri, todos situados na microrregião do Baixo Tocantins, no Estado do Pará, maior produtor de açaí do Brasil.” (ABRAHIM *et al.*, 2008, p. 02)

Esses pressupostos evidenciam a economia solidária como alternativa à economia dominante, na medida em que é vista não só como uma necessidade material, mas também como uma ferramenta de transformação social e opção ideológica (CUNHA, 2003).

Dentre os produtos produzidos e trabalhados por produtores rurais envolvidos nas atividades de Economia Solidária na Região Norte, considerando os quatro estudos analisados, temos os apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Produtos da Economia Solidária na agricultura da Região Norte

Produto	Frequência	Estado(s)
Café canephora (<i>Coffea canephora</i>)	1	Rondônia
Cacau (<i>Theobroma cacao</i>)	3	Pará e Rondônia
Açaí (<i>Euterpe oleracea</i>)	3	Pará
Palmito extraído do açaizeiro	1	Pará
Mandioca (<i>Manihot esculenta</i>)	2	Pará
Andiroba (<i>Carapa guaianensis</i>)	1	Pará
Polpas, geléias e xaropes	2	Pará
Pimenta-do-reino (<i>Piper nigrum</i>)	1	Pará
Alface (<i>Lactuca sativa</i>)	1	Rondônia
Agrião (<i>Nasturtium officinale</i>)	1	Rondônia
Tomate (<i>Solanum lycopersicum</i>)	1	Rondônia
Manga (<i>Mangifera indica</i>)	1	Rondônia
Coco (<i>Cocos nucifera</i>)	1	Rondônia
Abacaxi (<i>Ananas comosus</i>)	1	Rondônia
Milho (<i>Zea mays</i>)	1	Rondônia
Criação de animais (galinhas caipiras, porcos e perus)	1	Rondônia

Fonte: Elaboração dos autores (2021).

A variedade de produtos trabalhados por estes pequenos produtores, conforme Tabela 2 se apresenta bem ampla, sendo eles grãos, sementes, tubérculos e até mesmo silviculturais. Em sua grande maioria, a comercialização é feita tanto da matéria-prima, como de produtos agrícolas como por exemplo a farinha de mandioca, o palmito, as geleias, etc.

Essas matérias-primas são originárias de diversas e diferentes localidades, sendo a maior parte delas, originárias das regiões asiáticas e africanas, como é o caso do café e da pimenta-do-reino, cultura esta que, fez com que o Estado do Pará tenha sido, por décadas, o maior produtor nacional, perdendo sua vez para o Espírito Santo, em 2018. Algumas até mesmo são originárias da região amazônica, como é o caso do cacau. A cultura compõe três variedades: *criollo*, *forastero* e *trinidad*, sendo que a variedade *forastero* ou *forasteira* representa 80% da produção mundial (PARTELLI; 2020).

SANTOS *et al.* (2014) afirmam que a agricultura familiar é responsável pela diversificação dos produtos, baixo custo, aproveitamento e otimização dos insumos, além da sua capacidade de causar menores danos ao ambiente do que a agricultura convencional. Por ser detentor dos meios de produção, o agricultor familiar procura produzir tanto para a subsistência como para comercialização. Por essa razão, buscou-se discutir as estratégias de produção e comercialização da agricultura familiar na busca de uma maior sustentabilidade.

Fernández e Garcia (2001) acreditam que a formação de uma sociedade, cuja atitude seja de coexistência com a natureza, e não de exploração, é essencial para uma agricultura sustentável.

Neste estudo podemos afirmar que foram inúmeros os resultados obtidos a partir das iniciativas de economia solidária. Foi comum em todos os artigos analisados a preocupação com a sustentabilidade e a preservação do meio ambiente, bem como a busca por fonte de renda a partir de trabalho justo, cooperado e de desenvolvimento coletivo (FERNÁNDEZ; GARCIA, 2001).

Observou-se que a visão similar acerca do mercado, território em que vivem e necessidades, fez com que os membros das comunidades estudadas

se organizassem, unindo forças para atingir objetivos comuns. Fruto disso foi o surgimento de Cooperativas e Associações. Essas, quando estabelecidas favorecem aos cooperados ou associados oportunidades no âmbito da capacitação técnicas, obtenção de máquinas e equipamentos, bem como possibilita oportunidade de mercado e/ou comercialização (REIS *et. al*, 2015).

Destaca-se aqui a Organização Comunitária de Igarapé Miri – PA, que fundou a Associação Mutirão onde segundo essa organização teve como um de seus objetivos, acessar linhas de crédito para financiar as Unidades Produtivas Familiares (UPF) de seus associados. A associação buscou apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), para assistência técnica aos agricultores associados (ABRAHIM *et al.*, 2008).

Outro destaque pode ser dado a organização das feiras de empreendimentos de economia solidária, onde oportuniza aos pequenos produtores, associados e cooperados o escoamento de seus produtos. Em muitos lugares as iniciativas de economia solidária são conhecidas através das feiras, isso porque conforme os estudos diversas instituições e organizações como SEBRAE, EMATER e ECOSOL participam e colaboram (MONTEIRO *et al*, 2016).

Prossegue o autor afirmando que o engajamento das instituições tem favorecido uma mobilização maior dos processos relacionados principalmente à agricultura familiar, a qual tem se beneficiado a partir da oferta, nas feiras, de oficinas de capacitação que discutem o acesso a políticas públicas como o Programa de Aquisição de Alimentos – PAA e o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE.

As articulações e parcerias através das feiras constituíram o surgimento do Fórum Territorial de Economia Solidária no Baixo Tocantins que segundo Monteiro *et al.* (2016) serem uma articulação de

empreendimentos solidários, gestores públicos e organizações de assessoria cujos principais objetivos são o fomento das práticas econômicas justas e solidárias e a promoção de iniciativas e políticas públicas a favor dos Empreendimentos de Economia solidária - EES, promovendo assim o desenvolvimento sustentável do território.

As lideranças comunitárias preocupadas com o avanço do desmatamento, contaminação da água e do solo por agrotóxicos, e pelo grande número de doenças provenientes das precárias condições de saneamento básico das comunidades locais, decidiram investir no fortalecimento das organizações dos agricultores familiares, como forma de preservar a biodiversidade, as práticas de cultivos orgânicos, os procedimentos alternativos de saúde pública e de saneamento básico, visando contribuir para a melhoria da qualidade de vida e da geração de emprego e renda para a população (MACEDO; BINSZTOK, 2007).

As preocupações das comunidades se alinham com os objetivos da economia solidária no âmbito da sustentabilidade e qualidade de vida. Logo, nos estudos analisados apresentou-se dados quanto ao cultivo das culturas do café e açaí orgânico, que além de resgatar as práticas camponesas nos cuidados com o solo, permite a emissão da certificação orgânica que agrega valor ao produto e favorece até mesmo o mercado no exterior.

“[...] gerou um fator diferencial no processo de comercialização, fazendo com que os compradores se dispusessem a pagar margens maiores em razão das características do produto, do valor agregado pela agricultura orgânica e conscientização ambiental.” (ABRAHIM *et al.*, 2008, p. 10)

Consta em um dos estudos realizados no estado do Pará que com a certificação orgânica do açaí o preço médio por tonelada sofreu um acréscimo de 50% em relação ao valor pago aos demais agricultores incorrendo no aumento da renda dessas famílias e a consolidação do que eles denominam

de comércio justo, ao contrário do praticado pelos atravessadores (MACEDO; BINSZTOK, 2007).

Com a certificação reduziu-se a barreira de entrada em novos mercados, pois adotaram padrões de instituições internacionais de alimentos orgânicos. Com isso, obteve-se uma diferenciação frente aos concorrentes e o estabelecimento de um relacionamento leal entre produtores e compradores (ABRAHIM *et al.*, 2008).

4 Considerações finais

Neste trabalho apresentou-se uma revisão acerca dos estudos sobre economia solidária no âmbito da agricultura na região norte do Brasil, evidenciou que as publicações sobre o tema ainda são escassas no contexto economia solidária e ciências agrárias, mesmo que sendo uma opção alternativa para os pequenos produtores rurais. Na região norte do Brasil observa-se nos artigos analisados que a iniciativa surge como alternativa para o fortalecimento das organizações dos agricultores familiares, inserção no mercado, geração de emprego e renda, autogestão, prática de cultivos orgânicos e preservação da biodiversidade.

Desta forma cada vez se percebe mais avanços no campo da economia solidária, inclusive atualmente já há no Governo Federal uma Secretaria específica para tratar de políticas públicas e de ações voltadas aos empreendimentos de economia solidária, denominada Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes).

Conclui-se a partir de toda a base teórica avaliada a contribuição dos empreendimentos de economia solidária, que além de priorizar pela sustentabilidade e valorizar o cenário local, garantem um comércio justo e reduz os índices de êxodo rural aos agricultores no campo, mas que apenas ações isoladas no contexto da economia solidária não conseguiram alcançar

os objetivos discutidos neste trabalho, sendo necessário a interação entre os principais atores como governos, produtores, cooperativas e associações na busca por melhorias

O presente estudo não se esgota aqui, estando aberto o tema para maiores discussões e estudos que venham a contribuir na propagação do tema economia solidária em um mundo em transformações e mudanças de paradigmas a todos os setores da sociedade.

Referências

ABRAHIM, G. S.; BOULHOSA, R. L. M.; MONTEIRO, D. W.; SASTRE, P. T. N. **As estratégias dos empreendimentos solidários da Agricultura Familiar do Baixo Tocantins na comercialização do açaí orgânico**. In: XXVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO - A integração de cadeias produtivas com a abordagem da manufatura sustentável, 2008, Rio de Janeiro. Disponível em: http://abepro.org.br/biblioteca/eneqep2008_tn_sto_075_533_11883.pdf Acesso em: 06 abr. 2021.

ABREU, Lucimar Santiago de; WATANABE, Maria Aico. Agricultores familiares do Sul da Amazônia: desafios e estratégias para inovação agroecológica de sistemas de produção. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 11, n.5, p. 114-122, 30 dez. 2016. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS/article/view/4202> Acesso em: 25 nov. 2021.

ALTIERI, Miguel.; NICHOLLS, Clara I.; **Agroecología: teoría y práctica para una agricultura sustentable**. Montevideo: Nordan-Comunidad, 2000. Disponível em: <http://bibliotecadigital.ciren.cl/bitstream/handle/123456789/18777/00012855.nul?sequence=1>. Acesso em: 25 nov. 2021.

AZEVEDO, F. F.; ALIÓ, M. A.; SILVA, R. P. Espacialidade da economia solidária no Brasil. **Biblio 3W Revista Bibliográfica de Geografia e Ciências Sociais**, Barcelona, v. XXI, n. 1.148, p. 1-21, 2016. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-1148.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

BARBOSA, C. **Estado, Economia Solidária e Pedagogia**. Anais do XI Congresso Luso Afro brasileiro de Ciências Sociais – Diversidades e (des) igualdade. 2011.

CARVALHO, A. C. O.; PINHEIRO, L. I. F. Economia solidária: análise do perfil dos empreendimentos de economia solidária no Brasil. **Revista Caribeña de Ciências Sociais**, Málaga/Espanha, set. 2019. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/caribe/2019/09/economia-solidaria-brasil.html>. Acesso em: 15 jun. 2021.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, Gabriela Cavalcanti. Dimensões da luta política nas práticas de economia solidária. *In*: SOUZA, André Ricardo de; CUNHA, Gabriela Cavalcanti; DAKUZAKU, Regina Yoneko (orgs.). **Uma outra economia é possível:** Paul Singer e a economia solidária. São Paulo: Contexto, 2003.

FERNÁNDEZ, Xavier Simón; GARCIA, Dolores Dominguez. Desenvolvimento rural sustentável: uma perspectiva agroecológica. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, 2001. Disponível em: https://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano2_n2/revista_agroecologia_ano2_num2_parte06_artigo.pdf. Acesso em: 25 nov. 2021.

GALVÃO, T. F.; PANSANI, T. S. A.; HARRAD, D. Principais itens para relatar revisões sistemáticas e meta-análises: a recomendação PRISMA. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 335-342, jun. 2015. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742015000200017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 jun. 2021.

GODOY, T. P.; BUENO, W. P.; GODOY PENTIADO, L.; PEREIRA, M. S.; VEIGA, C. H. A. Análise bibliométrica da produção científica do tema economia solidária no Brasil. *In*: ENCONTRO DE GESTÃO E NEGÓCIOS, 2016. Uberlândia, MG. Anais [...]. Uberlândia: UFU, 2016. Disponível em: <http://www.egen.org.br/sites/default/files/gestao-social-2016-OK-2-15.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.

GUIMARÃES, Alexandre. Iniciativas para a promoção de emprego e renda: políticas públicas, economia solidária e desenvolvimento local. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/view/2381>. Acesso em: 17 jun. 2021.

MACEDO, G. R.; BINSZTOK, J. Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas. **Revista Nera**, Presidente Prudente/SP, v. 10, n. 10, p. 37-56, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1422>. Acesso em: 06 abr. 2021.

MELLO, R. L. de.; DIAS, Nelson Wellausen. **Agricultura familiar sustentabilidade social e ambiental**. In: XII ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA; VIII ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO – UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA, 2007, São José dos Campos/SP. Disponível em: https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosEPG/EPG00978_01_A.pdf. Acesso em: 07 jun. 2021.

MILLER, Ethan. Solidarity economy: key concepts and issues. In: KAWANO, Emily; MASTERSON, Thomas Neal; TELLER-ELSBURG, Jonathan. Solidarity economy I: building alternatives for people and planet. **Center for Popular Economics**, USA, p. 25-41, jun. 2010. Disponível em: https://www.socioeco.org/bdf_fiche-publication-264_pt.html. Acesso em: 08 abr. 2021.

MONTEIRO, D. M.; TAVARES, F. B.; CORDEIRO, Y. E. M.; NASCIMENTO, A. W. S.; CORDEIRO, A. L. M. Educação popular e movimentos sociais: um estudo sobre os saberes dos atores sociais no contexto das feiras de economia solidária no Baixo Tocantins - PA. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, Málaga/Espanha, out./dez. 2016. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2016/04/feiras.html>. Acesso em: 06 abr. 2021.

PARTELLI, F. L. Pimenta-do-reino: uma análise histórica, presente e futura. **Revista Conexão Safra**, Espírito Santo, maio, 2020. Disponível em: <http://www.safraes.com.br/artigo/pimenta-reino-analise-historica-presente-futura>. Acesso em: 18 jun. 2021.

REIS, A. A.; NASCIMENTO, W. L. N.; OLIVEIRA, A. F.; SILVA SANTOS, A. R. Agricultura Familiar e Economia Solidária: a experiência da Associação MUTIRÃO, na região do Baixo Tocantins. **Amazônia Paraense Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 11, n. 22, p. 120-142, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4966/496650344007.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SANTOS, C. F.; SIQUEIRA, E. S.; ARAÚJO, I. T.; MAIA, Z. M. G. A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. **Revista Ambiente e Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 2, jun. 2014. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000200004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/Q8YfrW7m6mLWBWBcmcbKkrQ/?lang=pt#>. Acesso em: 11 jun. de 2021.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002a.

SINGER, P. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, B. de S. S. *et al.* **Produzir para viver**: os caminhos da produção não-capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b.

SINGER, P.; SILVA, R. M. A.; SCHIOCHET, V. **Economia solidária e os desafios da superação da pobreza extrema no plano Brasil sem miséria**. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - O Brasil sem miséria. Brasília, 2014. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/brasil_sem_miseria/livro_o_brasil_sem_miseria/livro_obrasilsemmiseria.pdf. Acesso em: 27 maio de 2021.